

O SISTEMA CAPITALISTA E MEIO AMBIENTE

RICARD AZEVEDO SILVA*

Parte significativa dos críticos ambientalistas à sociedade contemporânea considera que não só o capitalismo é incompatível com a preservação do meio ambiente, mas o próprio modo de vida da civilização ocidental e suas inter-relações com a natureza, baseadas na concepção de progresso ocidental. Este artigo aborda o grau de profundidade das mudanças que serão necessárias para que as sociedades contemporâneas possam enfrentar o desafio ambiental e social, centrando a discussão na compatibilização entre o capitalismo e o meio ambiente.

Se analisarmos determinadas características do capitalismo, chegaremos a conclusões bastante desalentadoras em relação a sua compatibilização com a preservação do meio ambiente.

A base de funcionamento do capitalismo está na busca da expansão do capital, obtida na produção de mercadorias, cujo valor final ultrapasse o valor gasto na sua produção. A busca da expansão constante é, assim, inerente ao capitalismo e por isso o movimento do capital não tem limites, abrigando objetivos puramente quantitativos. Enquanto o meio ambiente apresenta limites materiais e energéticos, o capital aponta para uma necessidade inerente de expansão infinita. Marx registra que o capitalismo se subordina apenas a restrições impostas pelo seu próprio processo de acumulação, não se limitando mais a outros fatores, como a natureza, mas sim os subordinando à sua lógica.

Cada vez mais se questiona a visão capitalista liberal de que os mecanismos do livre mercado constituem um eficiente instrumento de sanção social e a melhor forma de dirigir-se o desenvolvimento econômico e social.

O mercado direciona e sanciona os desenvolvimentos compatíveis com a lógica de acumulação e expansão capitalista. A eficiência produtiva, mesmo que à custa de uma ineficiência social ou ambiental, é uma necessidade de sobrevivência no quadro de um capitalismo de mercado. A regra da economia de mercado é deixar que as empresas internalizem os lucros e externalizem os custos.

A sociedade capitalista abriga um sistema de valores que propicia a expansão ilimitada do

consumo material. A mídia trabalha a todo vapor para consolidação da sociedade consumista. A sacramentalização do consumismo traz no seu bojo sentimentos negativos como a frustração e a inveja, além de suscitar a competição e, no extremo, até a violência.

A expansão constante do capital exige um consumo crescente, ou seja, necessidades continuamente insatisfeitas. Longe de buscar a satisfação das necessidades, o capitalismo se sustenta pela busca constante de criar e suscitar novas necessidades, como forma de realização do excedente. Há um crescimento da oferta de mercadorias para as quais a necessidade tem de ser produzida juntamente com o produto. Sendo assim, muitos bens que são produzidos pela nossa sociedade industrial poderiam perfeitamente não existir.

Com a ruptura das sociedades tradicionais pelo capitalismo, passa-se a produzir novos materiais e novas estruturas a uma tal velocidade que surge um descompasso frente à capacidade de evolução e adaptação da biosfera, gerando uma crise ambiental. A economia capitalista trabalha com a maximização dos ganhos econômicos no curto prazo, sem consideração pelos custos sociais e ecológicos em longo prazo, o que compromete o planejamento de longo prazo que se faz necessário ao desenvolvimento sustentável.

Segundo Altwater, a exacerbação dos problemas econômicos é inerente ao processo de desenvolvimento capitalista. Aliadas à sociedade de consumo estão a poluição, o uso irresponsável dos recursos não-renováveis, problemas da superpopulação urbana e a erosão de valores humanos.

Instalou-se um círculo vicioso de degradação social e ambiental que tem se baseado num modelo de desenvolvimento que subordinou os interesses do bem estar social aos interesses de expansão do capital, na exploração dos recursos naturais.

Entretanto, as críticas ao modelo econômico capitalista, também se estendem às sociedades socialistas que, em alguns casos, produziram condições ambientais piores que as sociedades capitalistas. Na prática, a tese de que o regime socialista seria mais adequado ao equilíbrio ambiental não se verificou.

“A simbiose entre o homem e a natureza implica uma gestão dos solos, das águas e das florestas diametralmente oposta às atitudes predadoras que, na maioria das vezes, acompanham o aproveitamento de recursos ditado pela única preocupação de rentabilidade mercantil imediata, na economia capitalista, ou de maximização da taxa de crescimento do PNB, na economia socialista”

Para alguns autores, existe a necessidade de construir um novo modelo de desenvolvimento. Mas a questão ambiental precisa de soluções a curto e médio prazo, o que dificilmente viabilizaria esta alternativa. Além de que, antes de responsabilizar o sistema econômico vigente, deve-se questionar o próprio comportamento humano em relação à natureza. Em primeiro lugar, se faz necessária uma mudança da mentalidade de que a natureza deve servir ao homem. Enquanto não prevalecer a visão de que o homem faz parte da natureza e

deve agir enquanto parte de seu equilíbrio, qualquer modelo de desenvolvimento estará ameaçado de não interagir satisfatoriamente com o meio ambiente.

O questionamento dos valores e a educação ambiental devem fazer parte da formação das novas gerações. Esta é uma medida factível e de grande importância na luta pela preservação do meio ambiente. A hierarquia de valores pode significar uma diferença significativa no padrão de consumo.

Já se encontra em processo de fermentação uma crise de valores, onde se instala um questionamento dos objetivos que a atual sociedade tem perseguido. O contingente de pobres e miseráveis tem se constituído numa maioria insuportável. Alguma medida terá de ser tomada pela elite dominante do planeta. A resposta a tal situação efervescente há de ser positiva. Algumas ações de ajuda internacional, embora tímidas, já tem sido efetuadas.

Outra questão que deve ser abordada é o papel da tecnologia na preservação do meio ambiente. Para Daly, a tecnologia criou mais problemas do que solucionou. De um modo geral, as tecnologias foram introduzidas sem qualquer consideração com o aspecto ambiental. A difusão de tecnologia não poluidora tem sido impedida pela exclusão de questões ambientais dos objetivos e valores tradicionais de maximização dos lucros.

Entretanto, devemos reconhecer que, atualmente, a preocupação com o meio ambiente está presente no desenvolvimento tecnológico, ao menos pelo temor da retaliação do mercado. Mas, muitas barreiras no que diz respeito à tecnologia ainda estão para ser superadas. As tecnologias limpas exigem altos investimentos em pesquisas e recursos humanos, o que dificulta seu acesso aos países subdesenvolvidos. Grande parte da tecnologia adotada é importada de outros países e, assim, não é a mais adequada às condições dos ecossistemas locais.

Muito embora exista uma grande margem para a tecnologia atuar a favor da preservação do meio ambiente. Não se pode negar os avanços significativos em tecnologia poupadora de energia e nas perspectivas de utilização de energias alternativas. Inovações,

como o catalisador, nos mostra como a tecnologia pode contribuir significativamente para o equilíbrio ecológico. A introdução de tecnologias limpas constitui uma via a ser trilhada no rol das mudanças necessárias para enfrentar o desafio ambiental.

Para os economistas ecológicos são necessárias mudanças radicais na racionalidade econômica e nos estilos de vida prevalentes, para se alcançar o desenvolvimento sustentável. Embora se possa concordar com esta visão, precisamos partir do que é factível. Temos que ter em mente que o ser humano é avesso a mudanças, especialmente se profundas. É necessário adotar uma postura proativa baseada no princípio da precaução, mas há muito para se fazer até que o tempo dê conta de mudanças radicais. Entre as medidas factíveis a curto prazo, estariam as seguintes:

a) reunião das diversas instituições ambientalistas num esforço conjunto de conscientização da sociedade para a preservação do meio ambiente;

b) formação educacional das novas gerações, visando uma nova hierarquia de valores e a consciência ambiental;

c) formação de um bloco dos países do terceiro mundo para contestar a atual divisão dos frutos do progresso e os efeitos perversos da globalização (esta união já foi viabilizada uma vez, em meados deste século);

d) planejamento e estudos - aonde medidas restritivas poderiam provocar mudanças tecnológicas benéficas ao meio ambiente;

e) convocação das grandes potências para contribuir na vigilância e preservação das reservas ambientais do terceiro mundo (dividir custos);

f) Controle de natalidade;

g) Combate ao desperdício. Paralelamente à busca pela minimização de custos, deveríamos perseguir a minimização do desperdício. Deve-se buscar a extinção de estratégias que adotam a baixa durabilidade dos produtos como forma de aumentar as vendas;

h) estímulo à reciclagem.

Se resolvermos os problemas mais factíveis, já estaremos avançando na luta pela preservação do meio ambiente. Sem, evidentemente, nos descuidarmos dos problemas mais complexos, para os quais estaríamos buscando soluções. Na luta pela preservação

“A sacramentalização do consumismo traz no seu bojo sentimentos negativos como a frustração e a inveja, além de suscitar a competição e, no extremo, até a violência.”

ambiental ainda há muito o que se fazer.

A ação do Estado se faz necessária à implementação de grande parte das medidas ambientais, entretanto, existe uma autonomia da economia frente à política. As transacionais dispõem do dobro dos recursos financeiros em curto prazo de que dispõem todos os bancos emissores e demais autoridades monetárias juntas. As políticas estatais têm muito pouca influência nas transacionais, das quais dependem as inovações tecnológicas. Grande parte da atividade econômica mundial transcende a possibilidade de intervenção política de um só Estado. Sendo assim, se faz necessária uma atuação conjunta para o estabelecimento do equilíbrio ecológico e social.

Urge que se encontre uma forma de erradicar a pobreza, levando a grande massa excluída das benesses do crescimento econômico, qualidade de vida.

Deve-se buscar um nível de consumo que possa ser permanentemente sustentável, e um passo importante neste sentido é a substituição do maior número possível de recursos não renováveis por recursos renováveis, reprodutíveis. Há de se viabilizar um padrão tecnológico no qual a proteção ambiental deverá constituir parte integral e não isolada do sistema produtivo.

Em suma, é preciso repensar a organização econômica da sociedade, o uso qualitativo e quantitativo que ela faz de seus recursos naturais e as consequências da ação dos agentes econômicos ●

* RICARD AZEVEDO SILVA é mestrando em Desenvolvimento Econômico, Espaço e Meio Ambiente da UNICAMP.